

As Vora gens

Guilherme Crema

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2023

parte I

ácidasidades

damas da noite transcendentais

que noite fria

que riqueza de detalhes

Layla de Guadalupe, Cadela

abertura

anfetamina em cada toque
boate semi lotada
 cigana cidade revela suas máscaras
 e meu delírio passeia feito águia
no alto de cada escada escura
o pensamento corre em curva
antecipando te encontrar

o nariz escorre e o sangue
pinga na camiseta branca

mancha

 tanta ficção que inventamos
pra chamar de sonho
que todo abandono é ponte inacabada
e cada escolha futura nasce já afetada
pelo sal grosso da despedida

 uma ginga dúbia
quanto mais me entrego mais me cego
 mais me amo também

sobro caçando rastros em noites nervosas
usando corpos como quem usa drogas

como quem carrega uma
fome
antiga

dança

sim,
projeto as vozes delas enquanto
danço na noite sem rumo sem dúvida sem turno
danço tendões e vértebras carne e
pele músculo e osso e pulso
danço corpo no agora desprovido de
não tédios sonos
danço nas luzes vermelhas (morangos, ferrugens e sóis)
que me atravessam em transe
danço naqueles vultos e pernas e olhos e
cabelos e bocas
sem voz escorrendo um veneno
doce

danço natureza simulada
essência criada
enquanto a música pulsa e o dia teima
em nascer atrás das janelas cerradas y negras
em belo blackout

danço as marcas que se demonstram e giram e se
esgotam de sentido
sobras do sentir

sombras do sentir
sobra o sentir

destilo pensamentos e nado no ar
na pista no sangue
livre
que escorre forte na beira dos cacos
dessas miragens

miríades amargas

&
dddanço

nas ácidascidades
somos malandragem y corpo
vertigem
vértices
voragem
transeuntes em contínua via. Viagem

cidade-baixa

o temporal tá quase aí
nessa noite fera de feriado nonsense
o olho da rua anda atento
e todo o todo tem uma parte contrária
e toda parte tem uma parte do oposto
me descubro avesso, tripas à mostra
debaixo de chuva e rindo tanto
com a cerveja na mão e os olhos
molhados de imagens e reflexos e
luzes de bares placas de pare
enquanto a cidade se desdobra
cuspindo pra fora
tanta gente iluminada

cidade cidade mastiga minha carne
que o andar do bêbado é um rebelar-se
contra essa onda reaçã que tenta firmar
nossas pernas e vigiar nossos cus

(os botinas limpas chegam e ordenam
DESLIGA A MÚSICA mas a sirene da viatura
já acordou toda a vizinhança então)

foda-se
dançamos tontos corpos contra corpos contra as
grades
e metais frios das portas de carros e fachadas de bares
já fechados
me encho de vida destaco a loucura
ergo os braços respiro rápido

pra não perder tempo, não erguer muro
entre meu espírito e o mundo
é que encontrei algo real nesse contínuo samba
intertextual intrassensorial
penso em tocar aquela boca com a ponta dos meus
olhos
mas o veneno é doce é doce o sal também
só há sossego no caos da dúvida
no passo que leva ao abismo
me encontro tanto quando longe da calmaria
no imprevisível das horas que se abrem feito planta
carnívora
a lua reaparece às vezes nos vigia
por trás dos prédios e das nuvens densas
farolete firula nova frequência
pulsando embaixo da pele em total
delirium ambulatorium

(falamos
falamos de política milícias passado futuro
ervas xamãs cocaína pessoas conhecidas e

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
kremacultura@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em setembro de 2023.
